

Reflexão sobre "collage": Valor e lixo.

(Sérgio Lima, Galeria S. Paulo, palestra 19/11/81).

O pensamento historicista está em crise. Trata-se de pensamento baseado sobre determinado modelo do tempo. Modelo segundo o qual o tempo é fluxo unívoco de eventos que advêm do passado e demandam o futuro. Todo evento, em tal modelo, é único e insubstituível. Todo evento é efeito de causas, e causa de efeitos. As causas são em tese reconstituíveis, e os efeitos em tese previsíveis. Dada a complexidade das cadeias causais que constituem o fluxo dos eventos, na prática não podem ser reconstituídas todas as causas de um efeito dado, nem previstas todos os efeitos de uma causa dada. É preciso pois viver-se com conhecimento incompleto das causas, e com previsibilidade incompleta dos efeitos. Tal limitação é vivenciada como liberdade: como se a ação não fosse totalmente determinada por causas, e como se o agente fosse responsável pelos efeitos do seu ato. Isto é "consciência histórica". Que leva a engajamento em valores. Os valores são as diretivas do ato: o ato visa realizá-los. O ato visa produzir efeitos informados pelos valores. Graças a tais atos históricos, a realidade vai sendo progressivamente valorada, e os valores progressivamente realizados. A "natureza" vai se transformando, progressivamente, em "cultura". História é isto. O pensamento historicista, baseado sobre tal modelo do tempo, é dialético: oscila entre o real, (como os eventos advêm), e o valor, (como os eventos devem fluir). A síntese entre o ser-assim e o dever-ser é a obra, (o real valorado e o valor realizado). O pensamento historicista é ativista e leva a uma moral da produção e da obra.

Está atualmente em crise, porque o seu modelo do tempo está se tornando insustentável. Não se adequa nem ao conhecimento científico atual, nem à experiência existencial que temos do tempo. Estamos empenhados na elaboração difícil de modelos mais adequados. Modelos que captem o caráter aleatório e quântico dos eventos, sugerido pelo conhecimento científico, e a experiência que os eventos advêm do futuro e não do passado. Estamos empenhados na elaboração difícil de modelos não-lineares do tempo, e de um tempo que seja uma entre as dimensões de um contínuo espaço-tempo. Tais modelos, ainda não perfeitamente articulados, deverão resultar em vivência, compreensão e atos de tipo pós-historicista. Deverão substituir a experiência da unicidade insubstituível do evento por experiência da sua reciclabilidade, a compreensão causal dos eventos por compreensão estrutural, e a moral ativista de obra por outra. O que implica que o conceito historicista da liberdade deverá ser substituído por outro conceito da liberdade. À tal tarefa de reformulação da liberdade estão dedicados os collagistas, tanto por sua teoria quanto por sua praxis.

O que caracteriza a diferença entre o modelo historicista e o pós-histórico é sobretudo a circularidade multidimensional do novo modelo. A sua estrutura em feed-back. A história deixa de ser transformação progressiva e unívoca de "natureza" em "cultura", e passa a ser processo circular involuto no qual "natureza" se transforma em "cultura", "cultura" em "lixo", e "lixo" em "natureza". Em tal círculo transformador a questão da precedência, (da "progressividade"), perde todo significado. A "natureza" é anterior e posterior à "cultura", já que o "lixo" é posterior à "cultura" e anterior à "natureza". A questão da precedência é substituída pela questão da informação.

O conceito de "informação" permite captar a essência do círculo "natureza-cultura-lixo-natureza". "Cultura" passa a ser natureza informada. "Lixo" passa a ser cultura parcialmente des-informada. "Natureza" passa a ser lixo desinformado. Em termos valorativos: "Cultura" passa a ser natureza tal como deve ser. "Lixo" passa a ser cultura como não deve ser. "Natureza" passa a ser lixo tal como deve ser. Isto sugere que o interesse ético-político, o interesse do ato, vai se concentrando sobre o lixo. O lixo é a fase problemática de tal circularidade. É problemática epistemologicamente, porque se enquadra mal tanto nas disciplinas da ciência da cultura, quanto nas da ciência da natureza. E é problemática ético-politicamente, porque simultaneamente é como não deve ser, e parcialmente é como deve ser, já que apenas parcialmente desinformado. Daí estarem surgindo as ciências do lixo, (ecologia, psicanálise, arqueologia etc.), e engajamentos políticos contra o lixo, (os "movimentos verdes"). Quanto à problemática estética proposta pelo lixo, são os collagistas que lhe fazem face.

A questão da informação implica a da memória, este armazem de informações inatas e adquiridas. O homem é ente transmissor de informações inatas e acumulador de informações adquiridas. Mas é também ente engajado na transmissão das informações adquiridas. O engajamento seu está sendo desafiado pelo esquecimento, pela desinformação das informações adquiridas. O lixo é o conjunto das informações adquiridas em vias de esquecimento. O lixo é pois desafio ao engajamento humano em prol da transmissão de informações adquiridas, em prol da imortalidade. O problema da poluição é problema existencial com conotações religiosas. O lixo é o Mal "tout court", porque ameaça a existência de morte. Todo lixo é "lixo atômico" neste sentido: desintegra a memória, física- e psíquicamente. Desintegra "corpo e alma". Deve ser enfrentado. Duas atitudes são possíveis dentro do modelo circular esboçado. A atitude da aceleração do ciclo: que o lixo se transforme o mais rapidamente em natureza, e que desapareça. É a atitude dos "movimentos verdes". E a atitude da reciclagem do ciclo: que o lixo se retransforme em cultura. É a atitude dos collagistas. São duas atitudes opostas, duas éticas opostas, no interior de um mesmo modelo. Alternativas divergentes propostas pelo modelo.

O engajamento dos "verdes" tem o sabor romântico, suicidário do "espírito", de todo "retorno para a natureza". É a busca do esquecimento acelerado, da desinformação, do mergulho no amorfo: misticismo. O copo plástico é "mau", porque quando jogado no lixo, se dissolve muito lentamente no "apeiron", no fundo informe. O copo de papel é "melhor", porque se decompõe mais rapidamente. O engajamento dos "verdes" é engajamento em prol da dissolução dos recalques, e contra a memória armazenadora. Não é engajamento em prol da natureza enquanto cultura virtual, mas em natureza enquanto lixo dissolvido. "Sauvez la mer" é busca de salvação nas ondas do esquecimento. Eis uma das alternativas abertas pelo modelo circular do tempo do "eterno retorno": a historicidade é substituída pelo misticismo, tão nitidamente constatável nas counter-cultures americanas.

O engajamento dos collagistas é revolucionário no significado etimológico do termo. Visa inverter o ciclo, fazê-lo rodar em sentido oposto, do lixo rumo à cultura. Visa recuperar a informação em vias de esquecimento, re-inseri-la na memória

da cultura. Fazer collage é ato que nega o lixo ao retransformá-lo em cultura, que nega o Mal ao transformá-lo em Bem, que nega o esquecimento pela lembrança. Fazer collage é o gesto mais radical em favor da cultura, mais radical que o gesto produtor de obra com materia natural, porque é gesto que sustenta a cultura enquanto luta contra o esquecimento. Mas fazer collage é gesto que requer consciência "pós-historica" dificilmente alcançável. Por isto, esta segunda alternativa aberta pelo modelo do tempo do "eterno retorno", tal substituição da historicidade pela recuperação, está constantemente ameaçada pela recaída em historicidade. O gesto de collage pode, subrepticiamente, voltar a ser gesto histórico produtor de obra.

Com efeito, não se trata de um único gesto, mas de dois sucessivos. Pelo primeiro gesto o collagista escolhe, recolhe, recorta fragmentos da massa quase amorfa do lixo. Pelo segundo o collagista vai colando tais fragmentos para que constituam informação a ser guardada na memória da cultura. Os dois gestos são tão complexos, e tão contraditórios entre si, que sua análise ultrapassaria os limites da presente palestra. Basta dizer que o primeiro gesto, o da escolha e do recortar, implica a problemática da razão, esta capacidade humana de escolher e recortar fragmentos. E que o segundo gesto implica a problemática da imaginação, essa capacidade humana de organizar fragmentos disponíveis para deles constituir uma imagem do mundo. Pois no gesto duplo da collage razão e imaginação se contradizem, já que a razão ocupa nele função destrutiva, e a imaginação função construtiva. A dificuldade do gesto é precisamente essa contradição entre destruição razoável e construção imaginativa, porque tal contradição se opõe ao conceito habitual, segundo o qual a construção precede a destruição, e a destruição, longe de ser razoável, (escolha e recorte), é aleatória e amorfizante, (transformação de estrutura em amontoado, por catástrofe ou por decadência lenta).

Na impossibilidade de analisar o gesto da tesoura e o da cola com a atenção que merecem, limitarei o enfoque ao seguinte aspecto: Para poder escolher fragmentos do lixo, e recortá-los, devo possuir critérios que dirijam minha ação destruidora. E para poder depois colar tal fragmentos em estrutura, devo possuir critérios que dirijam minha ação construtiva. Devo possuir valores. Pois tais valores não podem ser do tipo "valor historicista", que é um dever-ser imprimível sobre a correnteza dos eventos. Não podem ser transcendentés ao fluxo dos eventos. São, pela estrutura do modelo dentro do qual ocorre a collage, critérios impostos sobre a ação pela própria situação, pelo próprio lixo e a própria cultura a serem manipulados. De maneira que chamar tais critérios pelo termo "valor" é recorrer a analogia com critérios historicistas. Os critérios da collage são pós-valorativos.

O que caracteriza o collagista é que tais critérios sejam estéticos, e que possam ser captados em termos informáticos. O lixo, para o collagista, é nojento, como o é para o lixeiro e para o snob, mas por razão diferente. É nojento, por ser diluição da informação imposta pelo "espírito" sobre a "natureza". Salsicha podre na lata de lixo é nojenta para o lixeiro, porque faz mal para quem a comer, e para o snob porque não convém apresentá-la durante banquete. Para o collagista é nojenta, porque exemplifica a diluição da informação "salsicha". Porque é Kitsch. O collagista se engaja contra o lixo por ser ele Kitsch nojento, subproduto da cul-

tura que passou a ser anti-cultura. E tal vivencia da nausea é o critério de sua ação discriminatória e recortadora. O motivo da collage é a luta contra o lixo enquanto Kitsch, enquanto deformação diluidora das informações em cuja preservação está engajado o espirito humano. A collage se dirige contra a massificação amorfizante, contra a cultura das massas. Os critérios da escolha e do recorte dos fragmentos provêm da putrefação das informações imanente ao lixo.

A estrutura que o collagista vai construindo com tais fragmentos obedece a critérios opostos. Trata-se de mostrar que Kitsch arrancado do seu contexto, da lata de lixo, e trazido ao nível da consciência crítica, ao nível da galeria de arte, passa a ser altamente informativo. Que o desprezível, quando deixa de ser desprezado e passa a ser considerado, passa também a ser considerável. Que elevar o lixo ao nível da consciência crítica é transformar nausea em fascínio. Tal experiência da virada dialéctica da nausea é conhecida dos cientistas: o bolor que cobre a salsicha podre passa a ser fascinante sob o microscópio. Mas no caso do collagista a virada dialectica da nausea em fascínio se dá esteticamente: o desprezível, o encoberto pelo desprezo, passa a ser vivenciado como extraordinário, inhabitual, quando libertado da encobertura do desprezo. O gesto com a cola obedece pois aos critérios impostos pela inserção do lixo em cultura.

Resumindo os critérios do gesto: o lixo é escolhido e recortado segundo o grau de sua putrefação, e os fragmentos são colados segundo o grau de fascínio que provocam no contexto da cultura. Tais critérios não são valores no significado historicista do termo. Não visam realizar imperativos. Mas são valores em significado novo. Visam inverter o processo entrópico, visam obrigar informação gasta a virar informação nova. São valores imanentes ao estar-no-mundo humano. Não mais se aplicam a eles conceitos como Verdade, Bem e Belo, mas aplicam-se conceitos como acaso, probabilidade, e liberdade.

O engajamento do collagista face ao lixo é o oposto do engajamento do movimento verde. Os verdes visam fazer com que o lixo, (salsicha podre, nacionalismo podre, moral de produção podre), se decomponha em natureza. O collagista visa fazer com que tudo isto seja assumido e reformulado pela consciência crítica. Os verdes estão engajados no mergulho místico no "apeíron", o collagista está engajado na faculdade informadora. São os dois engajamentos abertos pela crise atual do pensamento historicista, "progressista". O gesto do collagista é pois protótipo do gesto pós-historico engajado em liberdade.